



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
COORDENADORIA DE CONCURSOS – CCV

Evento: Seleção para o Semestre I das Casas de Cultura Estrangeira - 2019.1

Edital N° 06/2018

PARECER

A Comissão Examinadora da Prova de Língua Portuguesa I das Casas de Cultura Estrangeira Semestre I efetuou a análise do recurso administrativo e emitiu seu parecer nos termos a seguir.

Questão 05

A expressão *canto de sereia*, conforme atesta o dicionário *Ouiss de Língua Portuguesa*, no verbete **canto**, significa, por metáfora, “apelo irresistível, geralmente para atrair à armadilha”. No texto, significa exatamente isto, referindo-se ao atrativo das mídias tecnológicas, mas não significa o mesmo que “indústria da mentira”, que refere-se à produção de falsas notícias, conhecidas hoje como *fakenews*.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Questão 06

Mesmo fora de contexto, conforme atesta o dicionário *Ouiss de Língua Portuguesa* no verbete *jornalismo*, a palavra tem sentido mais abrangente porque diz respeito à “atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc.) para difundi-las”. No mesmo dicionário, como sinônimo de *imprensa*, verifica-se abrangência, pois trata-se do “conjunto dos jornais ou dos jornalistas”.

No texto, a abrangência progressiva de sentido (hiponímia) é confirmada pela retomada coesiva que cada termo produz em relação ao anterior. Tomando como ponto de partida o termo *mídia impressa*, pode-se pensar em jornais e revistas, sentido mais restrito. Em seguida, o termo *indústria jornalística* refere-se a toda a cadeia de produção da informação (o que também inclui a mídia impressa). Quando o termo *jornalismo* é introduzido, refere-se à atividade profissional, o que implica também o conjunto dos profissionais. Neste sentido, abarca tanto a produção da informação (coleta, investigação e análise), quanto a difusão (transmissão), e até mesmo as habilidades dos jornalistas para enfrentar as mudanças na área. Os usos posteriores do termo *jornalismo* ao longo do texto confirmam isto, ao discutir a transformação da atividade profissional no jornalismo.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Questão 09

Não se trata de uma discussão acadêmica sobre a forma do gênero que o jornalismo admite, isto não vem ao caso para o nível de exigência da prova. Os candidatos, não versados em jornalismo, aprendem que editoriais expressam opinião e isto lhes basta para responder a questão corretamente.

Há enorme variação na própria mídia sobre a impessoalidade no editorial e muitos veículos trazem editoriais assinados. Milléia Fernandes assinou o editorial de *O Pasquim* edição **105** de setembro de 1970. Mino Carta escreve regularmente o editorial da *Carta Capital*. Em muitas revistas menos afamadas, é praxe o editor assinar o editorial da edição. O jornal *Folha de S. Paulo* tem uma seção chamada “editoriais” na página A2; alguns dos artigos são assinados.

O gênero é uma função social e comunicativa dada ao texto pelo uso que se faz dele, então qualquer texto que expressa opinião pode ser utilizado como editorial. O texto da questão é compatível com a função de editorial, mas não poderia ser usado em nenhuma outra das situações indicadas.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Questão 13

O texto discute a relação da apresentadora com a câmera em três perspectivas: (i) como espelho a refletir sua imagem e a revelar mais do que gostaria; depois, refere-se à câmera (ii) como confidente, frente a qual não há mais constrangimento; e por fim, examina a câmera (iii) como instrumento do exercício profissional.

Somente a primeira perspectiva está presente no primeiro parágrafo.

No segundo parágrafo, o olhar ainda é o da câmera, mas na segunda perspectiva.

A partir do terceiro parágrafo, a autora passa a tratar da terceira perspectiva e abandona o conceito de olhar da câmera. O olhar ao qual ela tanto se refere é ao dela própria, comunicando através da câmera todo o seu sentimento.

O olhar da audiência só transparece na linha 18, com o uso do verbo "ver", ainda assim, negatizado pelo contexto "sem saber ao menos se havia alguém na sala para ver". O que nos leva a inferir que ela faria o que faz, mesmo se não tivesse ninguém para ver, isto é, na ausência de audiência. Isto só confirma que o olhar do público não é o tema do texto.

As escolhas da autora são o limite para a interpretação. Tanto o termo *oculto* quanto a *metáfora do espelho* são escolhas da autora que temos de aceitar para entender o texto que ela produziu. Este cuidado evita que o conhecimento de mundo do leitor interfira negativamente levando sua interpretação além do que a autora de fato diz.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Questão 14

A autora usa a palavra *olhar* sob dois pontos de vista: (i) o do olho da câmera, uso metafórico, antropomórfico e (ii) o do ser humano frente à câmera, uso comum, literal.

No segundo parágrafo, o referente mais próximo de *seu olhar* é *confidente*, que aponta para *velha companheira*, que, por fim, alcança indiretamente o termo *câmera*. A sequência de encadeamentos e a escolha das palavras *confidente* e *companheira* constroem um olhar humanizado para a câmera. No contexto da linha 06, o referente imediato de *seu olhar* é pista suficiente para deixar claro "o olhar da câmera como confidente".

O ponto de vista ii, do "olhar do comunicador com o público", é tema que só passa a ser tratado a partir do terceiro parágrafo do texto, quando o ponto de vista *o olho do humano frente à câmera* é trazido ao debate.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Questão 17

Tema central do texto é a relação do profissional com a câmera. Esta relação entre o profissional e a câmera pode ser recuperada no corpo do texto de modo independente da informação anexa. De fato, se ela fosse modelo e se o texto fosse exatamente o mesmo, com certeza a interpretação do leitor teria de ser a mesma.

O apêndice ao texto, embora contribua para a contextualização social do texto, não é imprescindível pra sua compreensão. O item A está errado porque o corpo do texto fornece tudo que é necessário para o leitor entender a reflexão da autora sobre a relação do profissional com a câmera. Uma vez que o texto não explicita qual é a natureza do exercício profissional, sua reflexão aplica-se genericamente a qualquer profissional que trabalhe frente às câmeras. O leitor, no entanto, usará seu conhecimento de mundo ou qualquer pista disponível para preencher esta lacuna, indo além do que o texto diz.

O item C está correto porque:

(i) o trecho está destacado do texto principal, separado por linha em branco e asteriscos, é um apêndice.

(ii) o trecho tem sujeito discursivo diferente daquele do texto principal, marcado pela primeira pessoa, na parte principal e pela terceira no anexo. Se fossem os mesmos sujeitos, o anexo começaria "Eu sou jornalista, trabalhei..." e o resultado ficaria bem estranho. A função deste sujeito discursivo é a de editor não importa quem tenha escrito o trecho, porque ele introduz o contexto de publicação, ao apresentar o autor.

(iii) o trecho apresenta o autor.

Em face da argumentação apresentada, a Comissão **indefere** o recurso e **ratifica** a questão.

Fortaleza, 07 de fevereiro de 2019.

Profa. Maria de Jesus de Sá Correia
Presidente da Coordenadoria de Concursos – CCV